



GÊNERO E CINEMA: A PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS SOBRE O CORPO DAS MULHERES ATRAVÉS DE MARILYN MONROE

Autora (1); Orientadora (2)

SDTL; MMM

Universidade Federal de Campina Grande, samiradeborah@yahoo.com.br; Universidade Federal de Campina Grande, maristelammoraes@gmail.com

RESUMO: Este estudo tem o corpo como centro de suas questões e inquietações, não em sua dimensão biológica, mas em sua pluralidade de sentidos, valores e culturas. Nosso olhar de pesquisa está voltado para o corpo das mulheres e, por isto, se propõe discutir brevemente seu percurso histórico-ocidental e esboçar considerações sobre a dinâmica de objetificação dos corpos das mulheres, com olhar direcionado ao consumo cinematográfico e mercadológico. Temos como objetivos investigar a manutenção da imagem feminina (através da medicalização) como forma de controle e poder; relacionar a história de vida de Marilyn Monroe com a produção de corpos pela sociedade (bem como sua relação com o cinema), e esboçar as contribuições do tema para a psicologia. Com posturas construcionista e feminista diante da produção de conhecimentos, analisamos obras discursivas de Marilyn em diálogo com produções biográficas sobre ela. Problematicamos o possível aprisionamento dos corpos das mulheres a identidades fixas, questão esta que se tornou central devido a sua atualidade nas relações de poder que têm as questões de gênero como eixo argumentativo. Assim, as discussões seguem pelo viés da quebra de paradigmas e da desfamiliarização de práticas socialmente instituídas, como uma maneira de compreender a importância das microrrelações de poder para a constituição da vida em sociedade, bem como a reprodução destas para que a roda de dominações continue girando. Este tema é bastante complexo e amplo, por isso, finalizamos com considerações a respeito da relevância das pesquisas de gênero para o campo da psicologia.

Palavras-chave: Corpo; produção discursiva; Marilyn Monroe; psicologia, construcionismo.

CIRANDA DE ABERTURA

A necessidade de uma escrita acadêmica nos faz mergulhar em um emaranhado de significados e métodos que engessam algumas formas de expressão do conhecimento. No entanto, também facilitam e oferecem ferramentas fundamentais ao desenvolvimento de estudos e pesquisas, sobretudo aquelas que promovem o enlace quase visceral entre a produção acadêmica e as implicações pessoais da pesquisadora.

Diante das várias formas de ler e interpretar o mundo, visualizamos o corpo como um meio expressivo, através do qual nos comunicamos com o mundo. Ele não é dado naturalmente, é uma construção social multifacetada, investida de valores, culturas e credos que permeiam os modos de vida. Isso implica dizer que o “ser homem” e o “ser mulher” são frutos de processos socioculturais que engendram as funções e os papéis das pessoas na coletividade. Ou seja, o corpo



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

possui, em conceitos e práticas, uma pluralidade de sentidos, formas e forças que fazem dele o motivo de pesquisa de sociedades diferentes, pois carrega em suas marcas e contornos a história de um povo, de uma comunidade e de diferentes formas de experienciar os conhecimentos que adquire (LOURO, 2003). É local também das dinâmicas sociais, das performances de convivência, das dores de existir, das potencialidades políticas.

Sob a luz destas questões, nos propomos pensar a organização dos atores sociais e o que nos leva a viver de forma assimétrica, uma vez que nossos corpos são docilizados¹ com o objetivo de produção: econômica, sexual e midiática. Neste sentido, pensamos também a produção de significados sobre o corpo feminino a partir da análise discursiva de Marilyn Monroe (M.M), um marco do cinema hollywoodiano na década de 50, que viveu publicamente os processos implicados na construção de uma imagem de mulher desejada, vendável e, conseqüentemente, rentável ao mercado cinematográfico. Em meio a este processo, resgatamos a medicalização do corpo feminino como forma de controle e poder. Para contextualizar tais escritos de Marilyn,

¹ Conceito *foucaultiano* utilizado para se referir à rede de poderes que permeia os vários modos de vida, enquadrando corpos e os destituindo (tanto quanto puder) de sua característica política.

acolheremos registros de fontes secundárias, produzidas pelo biógrafo John Randy Taraborrelli (2010).

Em meio ao ir e vir de signos e significados que caminham entre nós, tem-se o cinema como um gigante comunicador. Ele não acaba quando o filme termina! Por isso, se faz importante destacar a diferença entre *filme* e *cinema*, onde o primeiro refere-se a um conjunto de imagens em movimento que contam histórias pensadas segundo a inventividade de um – ou mais – roteiristas, já o segundo, um processo contínuo e complexo de expressões, transformações e modificações da característica perceptiva das pessoas ao longo do tempo (GONCALVES & ANDRADE, 2008).

Como linguagem, o cinema é vivo e investido de discursos, assim, a orientação principal é a caminhar em direção à ação, ou seja, os discursos impressos na comunicação são ativos e não dissociados de práticas sociais (DANTAS, 1997). Ele não é uma expressão da linguagem mais ou menos importante que as outras, mas equivalente, é uma linguagem em si, pois possui características próprias que promovem novos espaços de discussão acerca de questões emergentes.

Através de lentes construcionistas e feministas (SPINK, 2013) enxergaremos a biografia de M.M., lançando o olhar de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pesquisa sobre o corpo feminino, pensando a naturalização das construções sociais e a necessidade de que elas sejam problematizadas e desfamiliarizadas. Este movimento possibilita que novas construções surjam e nos provoquem, baguncem, inquietem.

Nos colocamos a pensar os avanços expressos nos estudos sobre as relações de poder considerando a aparente dicotomia: mudanças libertárias, versus, reedições de formas de controle. Michel Foucault (2010) traz uma marcante contribuição quando nos aproxima da análise do discurso enquanto ferramenta metodológica. Defende que muitas coisas que nos chegam como naturais e inerentes às relações humanas devam ficar em suspenso, o que não significa negá-las ou acolhe-las de imediatos, mas convocá-las ao centro da problematização, dando-lhes lugar de destaque para a melhor visualização de aspectos que a caracterizam como naturais.

Nesta roda viva de encontros e desencontros, as relações/sociais/cotidianas observadas são de assimetria e subjugação, onde mulheres são lançadas à perspectiva da falta de escolhas, à manuais de bons modos, à idealismos estéticos, à conceitos pré-fabricados, sob a justificativa do “universo feminino” e/ou da “essência feminina”, como algo que generalize existências, enquadrando-as. Nessa ciranda da produção (sobretudo

acadêmica), abrimo-nos para novos significados, aprimorando questionamentos e desfamiliarizado o familiarizando. A luta. A rebeldia. Fatores potentes e essenciais à produção de conhecimento na academia, visto que é nelas que encontramos forças e energia para seguir e reafirmar o constante e necessário movimento de provocar incômodos e questionamentos às práticas socialmente naturalizadas.

Diante dessa discussão, nosso **objetivo geral** para o presente estudo é problematizar a construção do corpo feminino como objeto midiático a partir da história de Marilyn Monroe, tomando como referencia principal sua vida nas esferas privada e pública. Nossos **objetivos específicos** são investigar a manutenção da imagem feminina (através da medicalização) como forma de controle e poder; relacionar a história de vida de Marilyn Monroe com a produção de corpos pela sociedade (bem como sua relação com o cinema), e esboçar as contribuições do tema para a psicologia.

CIRANDA METODOLÓGICA

Escreve uma linha, apaga. Pesquisa mais um pouco. Alguém indica um texto aí? Três parágrafos. Dois dedos de café. Algumas laudas. Cansada. Dormir um pouquinho. Adiciona isso, tira aquilo. Um passo pra frente. Um para o lado. Dois pra trás. O que



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lhe parece? Cirandando, assim a metodologia vai tomando forma. Edna Granja (2015) assemelha este movimento a uma dança, não a uma marcha, os passos não são sempre em frente, eles parecem dançar em um misto de aproximações e distanciamentos do foco do estudo.

As voltas para pensar este cenário foram muitas, algumas pareceram círculos – retornando ao ponto inicial – outros círculos perderam o fio e transformaram-se em espirais, tornando os pontos de chegada e de partida cada vez mais distantes um do outro. No entanto, esta dinâmica é necessária ao movimento dialógico característico da pesquisa de postura construcionista. Nesse momento nos aproximamos de pensadores como Benedito Medrado e Peter Spink, e pensadoras como Mary Jeane Spink e Rose Mary Frezza, que elucidam aproximações metodológicas e teóricas entre as práticas discursivas e a produção de sentido no cotidiano (SPINK, 2013).

Na canção *Comentário sobre John*², Belchior vocaliza:

Saia do meu caminho, eu prefiro andar sozinho
Deixem que eu decida a minha vida
Não preciso que me digam de que lado nasce o sol
Porque bate lá meu coração

² Composição de Belchior em homenagem a John Lennon. Faz parte de seu primeiro disco, lançado em 1979.

Sonho e escrevo em letras grandes (de novo)
Pelos muros do país
João, o tempo andou mexendo com a gente sim
John, eu não esqueço
A felicidade é uma arma quente, quente, quente (BELCHIOR, 1979).

O tempo, a felicidade e o conhecimento são armas quentes. Assim como nesta música, existe um limiar entre o calor que arde/incomoda e o calor que conforta/consola. Esta linha tênue imaginária é o que caracteriza a postura necessária à escrita marcada pela orientação feminista. Desviamos do posicionamento que defende a distância entre quem pesquisa e o fenômeno investigado, uma vez que esta se ampara na justificativa de que o envolvimento pode ser nocivo às discussões e aos resultados. No entanto, é importante superar a noção de que esta aproximação traga déficit à qualidade da pesquisa, visto que – em contrapartida – a aproximação torna a pesquisa mais engajada e visceral, ou seja, a metodologia não se limita a um conjunto de métodos aplicados mecanicamente – retirando a singularidade da investigação – mas se lança às implicações ético-políticas que viabilizam a produção de conhecimentos pela via da experiência e da quebra de paradigmas.

Dentre essas interrogações, umas das primeiras foi a viabilidade da utilização da história de vida de Marilyn Monroe como



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

ilustração para nosso estudo. Esta escolha não se deu pelo viés da afinidade pessoal, talvez inicialmente através de uma relação entre desejo e conhecimento, mas essencialmente por vislumbrar em suas produções discursivas a complexidade e abrangência necessárias para o enfoque de pesquisa. Sua vida é marcada por episódios que ajudam a compreender como se dá a produção de significados sobre o corpo das mulheres e a naturalização de práticas que propagam desigualdades de gênero ao longo do tempo. Neste sentido, questionamos alguns acontecimentos a partir de provocações realizadas por obras acadêmicas feministas, que podem – ou não – culminar na produção de novas perspectivas e compreensões sobre as construções que forjam os laços sociais e seus significados.

Essas produções são de domínio público e promovem a vinculação necessária entre a fundamentação teórica, o caso Marilyn e a produção de significados sobre o corpo das mulheres. Apesar de o foco do estudo se concentrar nas produções sociais sobre *este* corpo, demos lugar de destaque para os conteúdos produzidos pela própria Marilyn, sobre suas percepções de si, por entendermos a necessidade de dar vez e voz à esta mulher que viveu publicamente as intempéries da veiculação da imagem em um mercado quem tem o corpo como produto. Spink (2013) nos

esclarece a importância do trabalho realizado com documentos dessa natureza, visto que eles podem promover o cruzamento das subjetividades entre quem produz e um desconhecido, com a possibilidade de inaugurar pensamentos e conhecimentos acerca da construção dos espaços públicos a partir das histórias de vidas privadas.

Para acessar tais documentos, nos debruçamos sobre uma coletânea de escritos que foram reunidos, organizados e publicados (postumamente por Stanley Buchthal & Bernard Comment [2010]) no livro **Fragments**. Os organizadores tiveram o empenho de agrupar as cadernetas e folhetos de forma cronológica, característica esta que preservamos durante a montagem do quadro de análise. Devido à sua extensão, optamos por expor uma amostra do conteúdo.

A organização do quadro de análise aconteceu com a construção de quatro colunas, onde a primeira corresponde-se com outro quadro construído com a finalidade de contextualizar a história do fragmento. A segunda coluna diz sua natureza (poesias, caderneta, carta, entre outros), a terceira traz a produção discursiva na íntegra, respeitando, inclusive, palavras e frases tachadas e/ou sublinhadas por Marilyn. A quarta e última coluna explicita os conteúdos temáticos, que foram elaborados após análise e correlação com os objetivos do estudo:



Ordem	Contextualização do fragmento	Fragmento	Conteúdo temático
I	Carta para Lee & Paula (p. 219)	Queridos Lee e Paula, 46. Dra. Kris me colocou no Hospital de Nova York – divisão psiquiátrica aos cuidados de dois médicos <u>idiotas</u> – <u>ambos não deveriam ser meus médicos.</u> Vocês não receberam notícias minhas porque estou trancada com todas essas pobres pessoas loucas. Tenho certeza de que acabarei louca se continuar neste pesadelo[...]	Medicalização do corpo feminino

Foram utilizadas duas estratégias de organização do quadro de análise acima em amostra, a primeira foi o recurso das cores como ferramenta de associação entre o conteúdo temático e as frases que expressassem referido teor:

Vermelho	- Medicalização do corpo feminino
Azul	- Produção de significados e corpos femininos pelo cinema
Verde	- Aprisionamento em identidades fixas
Laranja	- Sentidos sobre si

A segunda estratégia foi a enumeração de todos os versos e parágrafos, para facilitar o entendimento linear e as menções ao redigir a discussão. Para contextualizar as narrativas, recorremos a uma produção biografada segundo as construções e investigações de John Randy Toraborrelli (2010), que durante anos pesquisou e reuniu informações sobre Marilyn, dando origem à publicação *A vida secreta de Marilyn Monroe*.

Com o detalhamento dos passos de pesquisa e da análise dessas produções discursivas à luz do construcionismo, encontramos o rigor necessário à produção acadêmica de conhecimento. No entanto, ainda recorrendo a teóricos que respaldem nossa postura, buscamos nos escritos de Karina Woitowicz (2008), que ao citar Michelle Perrot (2005) na análise da obra *As mulheres ou o silêncio da história*, coloca a dificuldade de produzir conhecimento acerca das mulheres devido aos poucos registros nos arquivos públicos, isso se dá por conta da destruição das fontes primárias que, em sua maioria, estiveram em poder de homens que participaram da história. Ela nos esclarece que escrever uma história das mulheres é um grande desafio, pois arquivos familiares, cartas, diários e correspondências foram amplamente destruídos gerando o apagamento de dados importantes, de memórias, de contextos e de experiências vividas,



desarticulando o entendimento de traços da história, de memórias e da política a partir da percepção das mulheres. Isto nos leva a conceber que durante muito tempo tais obras não foram valorizadas... Ou, por outro lado, supervalorizadas a ponto de sua destruição ser a forma mais fácil de dar aos homens a autoria das experiências e descobertas expressas em cada época.

As produções dos biógrafos conseguem ser mais acessíveis, ao menos em se tratando de escritos sobre histórias de vidas de mulheres e, por isso, nos servimos de recortes de duas biografias de Marilyn que nos auxiliaram na assimilação de singularidades, não no sentido de elencar o que há de individual, mas, como questões pontuais exploradas a partir de uma análise sistemática podem nos mostrar o fio condutor que une uma sociedade, uma categoria, uma comunidade, um tempo, uma classe. Cada pessoa é um resumo individual da sociedade em que vive, uma representação da fusão de fatores aos quais está submetida. Goldenberg (2009) coloca que “cada indivíduo é uma síntese individualizada e ativa da sociedade, uma reapropriação singular do universo social e histórico que o envolve” (p. 36), ou seja, se somos fragmento de um todo, é provável que em nós estejam impressas as singularidades que caracterizam estruturas sociais.

Diante do ir e vir metodológico aqui descrito, constatamos que cirandar demanda atenção e cuidados com os passos dados. Estratégias precisam ser (re)articuladas constantemente, fazendo com que uma nova metodologia seja escrita e contada ao fim da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nascida como Norma Jeane (nome de batismo) Marilyn era filha de uma mulher esquizofrênica, que tinha os hospitais psiquiátricos como principal morada, já o genitor era desconhecido, por isso, foi criada em orfanatos e em casas de outras famílias que a acolheram. O tempo passou e as mudanças em sua vida eram muitas e constantes, tanto relacionadas ao seu corpo, quanto a sua forma de interagir com o mundo. Em *nota pessoal*³, relata algo curioso: sentia muita dificuldade de se envolver com pessoas de sua idade, encontrando conforto nas mais novas e velhas que ela. Ainda em busca de sensações de segurança, começou a observar que na proporção em que trocava suas roupas por outras que mostrassem suas curvas e usasse maquiagem, ia conseguindo a aprovação dos companheiros da escola, tornando-se uma garota popular. As outras pessoas foram o espelho pelo qual se via refletida, uma garota linda e confiante. Ela

³ Informações extraídas do ponto 1 da nota escrita por volta de 1943, publicada no livro **Fragments**.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

passou a agir de modo a atraí-las, sua imagem era uma espécie de ímã, todos queriam ouvi-la e fazer parte de seu ciclo de amizades. Nesse momento, começou a dar-se conta do que poderia conquistar através do que transmitia para as pessoas. Como uma aproximação despreziosa, criou uma personagem que colaborasse para que as coisas acontecessem deste modo, proporcionando-a uma sensação de segurança. Criação esta que começou nesta fase e se alongou até sua morte, aos 36 anos (TARABORRELLI, 2010). As tantas mudanças passadas para consolidar a figura de uma pessoa respeitada e bem quista lhe custou a objetificação do corpo, sua imagem passara a ser vendida como um produto, algo valioso mercadologicamente, o que lhe rendeu constantes episódios de depressão e sofrimentos psíquicos.

Histórias possuem marcas e tropeços, bem como aquela *coisa* que faz o sujeito ruir, mancar. A palavra *coisa* é adequada para isso, pois trata-se de algo que não tem nome, que é construída único e simbolicamente por cada sujeito e escapa de qualquer conceito que busquemos enquadrar. Pensar esses tropeços na construção dos discursos de Marilyn se torna tarefa ainda mais difícil quando reconhecemos a indivisibilidade entre sua vida pessoal e profissional. No entanto, é fundamental salientar que este estudo não tem a pretensão de descortinar verdades, indicar

assertivas ou categorizar afirmações, mas a de provocar, inquietar e propor reflexões (inevitavelmente parciais) de fenômenos sociais cuja relevância é coletiva. As ciências sociais e os estudos nessa área não se preocupam em produzir conhecimentos e reflexões com pura neutralidade e imparcialidade. Este fator tem uma explicação bastante simples: por mais que tentemos identificar padrões e normativas, a realidade é complexa e não regular. Este domínio envolve o atravessamento de subjetividades e visões de mundo que tornam únicas cada apreensão da realidade (NOGUEIRA, 2001).

Diante dos dados coletados, consideramos que a análise das produções discursivas de Marilyn não é possível de forma integral em ciências sociais – especialmente sob a égide do construcionismo, visto que não existe a ambição de se preocupar teoricamente com conhecimentos absolutos, mas com a validação de que um ser complexo e multifacetado, que existe de forma singular e única, carrega em sua história fatores que extrapolam qualquer possibilidade de enquadramento, normativa ou regra. Curvando-se a esta postura, os recortes selecionados para análise fazem menção a vários instantes da vida de Marilyn Monroe, desde a sua infância até os últimos dias de sua vida.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Ela foi uma mulher que teve a medicalização como algo marcante e presente em sua vida. Várias foram as portas que os levaram até ela. Percebemos a vida de várias mulheres refletidas no que a de M.M. tem a nos contar, pois também fala da história da medicina e dos seus reflexos nos diversos corpos e culturas. No entanto, uma questão se faz pertinente nesse contexto: Por que o aprisionamento do corpo das *mulheres*?

Que objeto? *Quem* objeto? Queremos falar sobre uma história onde as protagonistas não escreveram muitas linhas? Sim. Nós, mulheres, fomos excluídas da nossa própria contação. Vísceras abertas, expostas. A reprodução humana (a nós responsabilizada) não é, em si, a reprodução de corpos, mas de valores, forças de trabalho, relações de poder. Controlar o corpo das mulheres é também estabelecer controle sobre uma sexualidade socialmente útil e, sobretudo, respaldar-se sob a ideia de *natureza feminina*, como aquela inerente ao sexo biológico.

Muitas são as concepções elaboradas sobre esta dada *natureza*, as quais proporcionam ao saber médico uma sensação de domínio sobre o conhecimento que se produz (VIEIRA, 1999). Como consequência disso, temos um conjunto de fatores que permeiam nossa discussão, por exemplo: a manutenção da imagem feminina por meio de intervenções estéticas e medicamentosas.

Sendo assim, saímos do viés da medicalização de corpos para pensarmos a medicalização da vida, tópico este que, inclusive, integra os conteúdos temáticos.

Medicalizar a vida não é simplesmente entender os remédios como ferramenta de controle, é resgatar para a discussão um contexto bem mais amplo e complexo: a institucionalização das pessoas, o aprisionamento em identidades fixas, objetificação e padronização de corpos. Nas falas de Marilyn, esses conteúdos são expressos de forma muitas vezes velada, mas quase sempre sofridos, doídos, angustiados. Em uma das cartas para o seu analista, Dr. Greenson, escrita pouco mais de um ano antes de sua morte, ela descreve com riqueza de detalhes a agonia de suas experiências em um hospital psiquiátrico. Nos recortes 64 e 65 relata seu espanto ao descobrir o “sexto andar” como o “andar perigoso”, aquele onde todos vivem sob chaves, sob pressão, sob gritos desesperados, pagando crimes que não cometeram.

A medicalização dos corpos não pode ser entendida de forma generalizada, pois o sexo e o comportamento sexual assumem centralidade na discussão quando pensamos os papéis definidos para homens e mulheres como forma de higiene social, das famílias e da intimidade das pessoas. Para isto, ressaltamos mais uma vez que falar de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

medicalização está para além de questões medicamentosas, pois é também falar sobre vigilância, sobre a interdição de desejos e práticas, sobre a institucionalização de identidades e, conseqüente, sobre a limpeza das famílias (FLORES, 2001).

A engrenagem de funcionamento das relações sociais que foram (d)escritas e problematizadas durante todo o percurso desse estudo foi o que nos fizeram pensar a produção de corpos femininos também pelo cinema, aspecto este destacado pela cor azul nas produções explicitadas no quadro de análise. Afinal, quais os lugares do gênero nos discursos cinematográficos? Embora sendo a sétima arte um acontecimento social que propõe libertação e inventividade, também é responsável por refletir e comunicar práticas instituídas, o que nos ficou bastante claro no mergulho tanto na biografia de Marilyn, quanto nos conteúdos produzidos segundo os sentidos de si.

O discurso de Marilyn é marcado por todas as vozes que a constitui, todas fazem parte de um processo de reconhecimento de si através do outro, como uma relação espelhada. Almeida (2008) guiado pelo pensamento *butleriano*, atenta para a necessidade de não ser engolido por este processo, visto que nele existe a possibilidade de sua existência ser posta em risco por meio do crescimento do outro sobre nós. Marilyn

vivia isso nitidamente, quando sentia a necessidade de interpelar: “Meu corpo é meu corpo, cada parte dele” (recorte 31), como uma forma de resgatar sua autonomia e promover a retomada do poder de decisão sobre ele.

Seu corpo foi interdito pela possibilidade de transitar entre outras formas de vida e de performance. Quem interditou? Sua imagem foi vendida pela mídia cinematográfica como uma mulher ingênua, de pouco conteúdo e superficial, que buscava nas aventuras amorosas uma forma de conquistar conforto financeiro. Sua imagem pessoal foi transpassada pelas personagens que interpretou no cinema, injustamente relacionadas. Passou a reivindicar personagens complexos, com histórias de vidas diferentes das quais estava acostumada a atuar, queria novos espaços de fala e formas outras de ser vista pelo público. Marilyn nunca negou seus desejos sexuais (mesmo se referindo a eles com expressões modestas), no entanto, seu corpo foi sexualizado a ponto de roteiristas e diretores se recusarem a dispor de papéis que não trilhassem pelo viés da sensualidade.

Segundo a análise dos conteúdos disponíveis, a imagem de Marilyn era a sua via de mão dupla, seu gozo e agonia. Era o campo sagrado, lugar de cuidado e vaidade, subvertido pelo uso abusivo de remédios que



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o fazia sucumbir, acorrentado a uma identidade fixa. Somos tomadas pelo binarismo da santa e da puta. Simone de Beauvoir (1970) questiona sobre as mulheres: *Seriam elas anjos ou demônios?* Há resposta para esta indagação? Não, pois o sofrimento de Marilyn foi – em sua maioria – causado pela ânsia de trânsito, não entre essas duas polaridades, mas para além delas. O discurso de Marilyn é marcado por todas as vozes que a constitui e, por isto, perpassado por ideias e palavras que significam sua história (SCOTT, 1989). Não santa, nem puta: mulher!

Dentro desse sistema gigantesco a (i)lógica do machismo está acomodada, influenciando os modos de vida de todos e todas. Nas direções que fitamos nosso olhar: lá está ele evidente ou disfarçado, envolvendo nossas práticas e prazeres, nossos saberes e sabores. Por isso, os movimentos feministas e os estudos de gêneros conquistam espaços verdadeiramente transformadores na vida íntima e em sociedade, pois falam de relações concretas e reais que nos localizam, identificam e contextualizam.

Diante dessa discussão bastante pertinente a nós, pessoas, vislumbramos dar espaço para as contribuições da psicologia a este campo de produção de conhecimento, no entanto, observamos que o caminho contrário era também bastante fértil e proveitoso: sendo este estudo importante para a psicologia.

Assim como a medicalização, a psicologização da vida demanda ressalvas e olhares atentos, para não sermos capturadas por generalizações, identidades fixas e reproduções de assimetrias, ou seja, por tudo aquilo que este discurso busca se desvencilhar. Nossos óculos podem ser libertadores e também *dicotomizantes*, e aí se acomoda um dos principais desafios dos estudos dessa natureza. Esta discussão não é inaugural para a psicologia no que se refere aos escritos clássicos da área, mas são relativamente recentes em alguns campos como a assistência social e a educação, por isso, é uma discussão que precisa sempre ser provocada e recriada.

Diante dos aspectos que envolvem os corpos das pessoas (enquanto materialidade e símbolo), consideramos essencial que estudos como este sejam realizados no campo da psicologia. As contribuições são amplas e imensuráveis, pois dentro dos códigos da profissão que são ensinados dentro da academia, existe uma ética do cuidado que deve ser preservada, extrapolando as prisões que os nossos discursos costumam enquadrar as relações e os modos de vida. Assim como as mulheres, este trabalho não tem fim, não tem limite, nem bordas, mas a certeza de que novas coisas precisam constantemente ser construídas e dialogadas de forma crítica, ética e implicada.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Miguel Vale de. *Do feminismo a Judith Butler*. Conferência, Ciclo “Pensamento Crítico Contemporâneo” Fábrica Braço de Prata: 2008.
- Beauvoir, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- Buchthal, Stanley; COMMENT, Bernard. *Fragmentos: poemas, anotações íntimas e cartas de Marilyn Monroe*. Tordesilhas, 2010.
- Nogueira, Conceição. *Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gêneros*. Cadernos de Pesquisa, nº 112. Potugal: 2001.
- Dantas, Benedito Medrado. *O masculino na mídia: Repertórios sobre masculinidade da propaganda televisiva brasileira*. São Paulo: 1997.
- Flores, Maria Bernadete Ramos. *A medicalização do sexo ou o amor perfeito*. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis: EDUFSC, n.29, p.57-80, abr. de 2001
- Foucault, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010
- Goldenberg, Mirian. *O Método Biográfico em Ciências Sociais*. In: A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009. p.37-43.
- Goncalvez, Renata; Andrade, Maria José Netto. “*Existência e Arte*” - *Revista Eletrônica do Grupo PET - Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São João Del-Rei – Ano IV - Número IV – janeiro a dezembro de 2008*.
- Granja, Edna. *Gênero, Masculinidades e Drogas: trilhas, obstáculos e atalhos nos caminhos para a atenção integral aos homens jovens na saúde*. Fundação Osvaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2015.
- Louro, Guacira Lopes. Neckel, Jane Felipe. Goellner, Silvana Vilodre. (orgs.). *A produção cultural do corpo*. In: *Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. 2003.
- Scott, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica*. New York, Columbia University Press. 1989.
- Spink, Mary Jane. (org.) *Práticas Discursivas e Produção De Sentidos no Cotidiano: Aproximações Teóricas e Metodológicas*. Rio de Janeiro, 2013.
- Toraborrelli, John Randy. *A Vida secreta de Marilyn Monroe*. São Paulo: Planeta, 2010.
- Vieira, Elizabete. *Medicalização do corpo feminino*. In. Parte 1: História, política e conceitos.
- Woitowicz, Karina Janz. *Eco de uma história silenciosa das mulheres*. Rev. Estud. Fem. vol.16. Florianópolis: 2008.